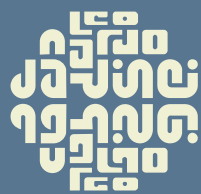


CONCURSO DE REDAÇÃO

Revista-Coletânea

Vitória, ES, 08 novembro de 2023



CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI
An **inspired** school



escrever
é
dar vida
ao papel

escrever
é
dar vida
ao papel

escrever
é
dar vida
ao papel

escrever
é
dar vida
ao papel

escrever
é
dar vida
ao papel

escrever
é
dar vida
ao papel

é por a cometa a falar

palavras magnificas e mágicas



*Concurso
de
Redação*

"Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. [...] Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa; a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer".

Graciliano Ramos

Tão bem nos disse nosso grande autor Graciliano Ramos sobre a arte de escrever. O trabalho é árduo, repetitivo, demorado. Apagar, refazer, apagar, refazer... Inquietante é aquele que escreve; inquietante é o texto!

Antes do texto pronto, construímos as ideias em nosso pensar, advindas da construção do nosso saber ao longo dos anos na escola, da nossa convivência em sociedade, do nosso estar e ser no mundo. E assim nascem os cidadãos críticos, reflexivos, empáticos, capazes de entender o seu entorno e conscientes do seu papel na sociedade. E assim nascem os escritores!

Um texto de qualidade tem correlação direta com a inquietação humana, com a capacidade de construir e reconstruir saberes, mesclar o real com a ficção, transcender o físico e se deixar levar pela imaginação. E nasce o fruto daquilo que o autor experimentou, seja no campo físico das suas vivências, seja no infinito campo literário - o texto!

Com o deslocamento da centralidade do processo educativo para o aluno, em detrimento do professor, o desenvolvimento das competências e das habilidades do cidadão desejável inexoravelmente perpassam pela formação do leitor, repercutindo na sua capacidade de se expressar, seja no campo verbal, seja no campo escrito.

Com muita satisfação, compartilhamos com a Comunidade Davinciana alguns textos criados por nossos alunos, os quais se destacaram no Concurso de Redação de 2023.

Mais do que uma premiação, o Concurso de Redação é um estímulo à formação de cidadãos pensantes.

Atenciosamente,

Mário Broetto
Diretor do Centro Educacional Leonardo da Vinci

O Concurso de Redação do Centro Educacional Leonardo da Vinci vem se consolidando como uma excelente oportunidade para que os alunos tenham uma relação diferenciada com a escrita. O Concurso, que acontece anualmente desde 2011, proporciona um espaço de criatividade e aprendizagem, em que a fantasia, a pesquisa e o trabalho com a linguagem constituem uma janela para um universo de possibilidades.

Todos os 20 alunos que compõem esta seleção estão de parabéns! Não só eles, como também todos os outros que participaram e se empenharam, pois nós, do Da Vinci, não estamos focados apenas no resultado, mas ficamos extremamente satisfeitos com o processo em si, que é muito valioso para todos que o atravessam.

Neste ano de 2023, a equipe dos professores de Língua Portuguesa elaborou, em diálogo com o currículo de cada série, propostas desafiadoras, que despertaram a verve criativa dos nossos alunos.

No caso dos sextos anos, eles foram convidados a escrever contos maravilhosos, ocasião em que puderam colocar em prática a criatividade, a fantasia e também os conceitos ligados ao processo de retextualização e intertextualidade.

Os sétimos anos leram a obra Frankenstein, escrita por Mary Shelley e adaptada por Ruy Castro. Inspirados nesse livro, puderam criar uma narrativa com traços de terror e suspense.

Os alunos de oitavos anos escreveram contos de suspense, em que puderam criar enredos estruturados por situações que, num desfecho inesperado e surpreendente, mostram-se enigmáticas.

Numa visão muito futurística, os alunos de nonos anos produziram contos de ficção científica, obrigatoriamente distopias, discutindo a presença e os consequentes impactos da inteligência artificial na vida humana.

O tema do Ensino Médio foi a elaboração de um ensaio crítico a partir dos debates suscitados por diversas produções audiovisuais. Os alunos de primeira e segunda séries, após terem assistido ao filme O show de Truman, argumentaram sobre um importante questionamento: "a gente se acostuma com a realidade que nos é apresentada". Já os alunos de terceira série assistiram ao filme Parasita e teceram opiniões sobre a seguinte ideia: "em uma sociedade parasitária, ninguém está a salvo do parasitismo".

O resultado desse trabalho está nas páginas que seguem. Convidamos os leitores a se deliciarem com a imaginação e criatividade dos nossos alunos do Fundamental II e, também, com a veia crítica dos estudantes do Ensino Médio.

Nossas mais sinceras congratulações a todos os autores. Que esta conquista seja mais um passo em direção a uma relação duradoura e prazerosa com a linguagem e o universo de possibilidades que ela descortina.

Atenciosamente,

Luciana de Andrade Padilha

Coordenadora de Língua Portuguesa do Centro Educacional Leonardo da Vinci

Nível I	
Os Laus, os Lulis e o Poder da Estrela Mãe - <i>Maria Victoria Picoli Martinelli</i>	10
O Reino do Inverso - <i>Guilherme Spagnol Cunha</i>	11
A Felicidade Contagia - <i>Sophia Cabral Nogueira</i>	12
Nível II	
A Morte - <i>Virgílio Lourenço Rodrigues Filho</i>	14
A Casa 130 - <i>Maria Eduarda Leal Pinheiro</i>	15
O Anjo - <i>Julia de Souza Netto Daroz</i>	16
Nível III	
O Sumiço - <i>Gabriella Marques Dias Torezani</i>	18
Heranças mal resolvidas - <i>João Vitor Giuberti Coradini</i>	20
Amor e Morte - <i>Marina da Rosa Broetto</i>	22
Nível IV	
Palavras a um mundo sem entrelinhas - <i>Pedro Mello Guimarães</i>	24
Consciência Despertada - <i>Lorena Almeida de Pazolini</i>	25
Retorno ao projeto de criação - <i>Lucas de Castro Botelho</i>	26
Nível V	
A impressionante atualidade de "O Show de Truman": reflexões sobre privacidade e manipulação na era digital - <i>Maria Luíza Tebaldi Franco</i>	28
Há mais de 2300 anos - <i>Laís Coutinho Passamani</i>	29
Atualmente, a tua mente atua ou mente? - <i>Isadora Quintela Torres Folador</i>	30
Nível VI	
Despertar - O quão difícil foi, para o homem de Platão, sair de sua caverna? <i>Isabella Dias Torezani</i>	32
Realidade paradoxal: mentira cômoda ou verdade incômoda? <i>Caio César Sousa Martins</i>	33
O Show da Vida Contemporânea - <i>Enzo Rafael Gonçalves Premoli</i>	37
Nível VII	
A Metáfora da Arquitetura da Realidade - <i>Lucca Vecci Alcuri</i>	38
O verdadeiro parasita - <i>Luísa Franzotti Togneri dos Santos</i>	39

Nível I

Os Laus, os Lulis e o Poder
da Estrela Mãe



O Reino do Inverso



A Felicidade Contagia





Os Laus, os Lulis e o Poder da Estrela Mãe

Há muito tempo, tanto que não consigo precisar quando, existia um reino, além da imaginação, que possuía a mais rara e poderosa estrela do céu, a Estrela Mãe! Capaz de realizar os desejos mais profundos daqueles de coração puro, a Estrela Mãe era única e cobiçada por todos os reinos vizinhos. Mas, ficava lá, no Reino de Light Land.

Nesse reino, tudo corria bem. Os Lulis, seres que lá viviam, eram criaturas bondosas, cheias de virtudes, além de coloridas e brilhantes. No fim de cada dia, todos iam até a torre central do Reino contemplar a Estrela Mãe.

Porém, na única parte escura de Light Land, vivia uma família formada por seres diferenciados. Eles eram conhecidos como os Laus e eram temidos por todos os outros moradores desse reino. Em um dia "como todos os outros", os Laus resolveram roubar a Estrela Mãe. Assim, eles conseguiriam realizar todos os seus desejos. Será?

Mas antes de continuar, preciso contar, rapidamente, a história dos Laus! Já vou esclarecendo que todos que nascem no reino de Light Land são bons, generosos, alegres e coloridos. Os Laus também eram tudo isso, ou melhor, quase tudo isso, pois não eram coloridos. E é aí que tudo começa.

Os filhos da família Laus foram discriminados na escola por serem opacos e monocromáticos. Isso gerou um grande sentimento negativo no coração de cada um deles, levando-os a se separarem do resto do reino e a viverem isolados, longe de toda a luz, na região sombria de Light Land. Eles foram criticados, discriminados e excluídos durante toda a vida, não sendo aceitos pelos demais habitantes do reino.

Motivados por tudo isso, os Laus almejavam vingança! Roubar a Estrela Mãe e trazê-la para a parte escura do reino para, com isso, conseguir realizar seus dois mais profundos desejos: tornarem-se os seres mais brilhantes e coloridos já vistos, e deixar todo o povo cinza e sem brilho. Plano armado, agora, era só colocar em prática.

Era uma noite de Lua Nova e o céu estava iluminado apenas pela Estrela Mãe. A Torre Central estava tomada por Lulis, como de costume, quando de repente... tudo ficou escuro. Todos ficaram assustados e com muito medo! Afinal, onde estaria a Estrela Mãe e o que teria acontecido com ela? E quem ousaria roubar o maior tesouro de Light Land?

O povo estava indignado com o ocorrido e os guardas do reino à procura dos meliantes! Todos estavam reunidos em busca do tesouro roubado, inclusive o Rei! E assim, num passe de mágica, na Torre Central, surgiu um grande clarão! Um brilho tão forte capaz de deixar qualquer um sem visão! A Estrela Mãe estava de volta! Mas como?

Para a surpresa de todos, os Laus apareceram ali e contaram que a Estrela Mãe havia tocado, com o seu poder, o coração deles e logo perceberam que aquele roubo não lhes traria nenhum tipo de felicidade e que não seriam respeitados pelos demais habitantes do reino. Acabaram percebendo que o mais importante seria fazer a coisa certa, independente do que os outros pensassem. Então, decidiram: estavam ali para devolver o que não deveriam ter levado!

O rei, diante daquele emocionante ato e da tocante situação, decidiu incluir novamente a família Laus no reino e aproveitou para criar uma lei proibindo discriminações de qualquer espécie.

Os Laus foram, por um tempo, a única família diferente do restante. Porém, o reino cresceu, novas famílias foram se formando e a miscigenação foi acontecendo.

Hoje, Light Land é um reino repleto de muito amor e alegria. Seus habitantes, uns coloridos, outros com apenas uma cor, com e sem brilho, passaram a sempre se respeitar.





O Reino do Inverso

Marli vivia em um reino distante, em uma casa exuberante com sua família. Em sua casa, havia campos cheios de flores coloridas, que davam a ela a sensação de estar vivendo um sonho. Marli era uma menina animada, feliz, simpática, que sempre estava sorrindo e ajudando todos a sua volta em tudo de que precisavam. Seu passatempo preferido era ler contos maravilhosos... passava horas e horas do seu dia lendo entre as flores do campo.

Em um belo dia, enquanto brincava pelo jardim, Marli viu um brilho no meio das flores e se aproximou para ver melhor. Ela enxergou um portão. A menina abriu, entrou e, quando percebeu, estava em um outro reino. Ela não conseguia acreditar no que estava vendo, ali estavam todos os personagens dos contos maravilhosos.

Marli foi explorar o local e, observando um pouco, se assustou ao perceber que as coisas não eram assim tão maravilhosas... Os malvados usavam os principais medos dos bonzinhos para os assustar: a Bela Adormecida nunca podia tirar um cochilo, a Branca de Neve não podia ver os sete anões e o marido, o príncipe nunca conseguia achar a Cinderela e colocar nela o seu sapatinho... Ao ver tudo isso, Marli ficou desapontada, nem em seus piores pesadelos poderia imaginar um reino onde isso aconteceria!

Após entender o que se passava, ela começou a imaginar um plano para libertar de uma vez por todas os bonzinhos que viviam ali naquele reino, chamado de "O reino do Inverso". Quando estava pensando, apareceu diante dela uma fada que lhe deu sementes mágicas e disse:

- Você deve juntar todos os bons personagens dos contos maravilhosos e dar a eles essas sementes, que devem ser plantadas ao mesmo tempo e receberem rigorosos cuidados, sendo eles: plantar em vasos com terra fértil, regar três vezes ao dia, dizer dez elogios diferentes por dia, colocar a planta no sol por apenas 2 horas e antes das 10:00 da manhã. Esses cuidados durarão dois meses e, após isso, florescerão todas as plantas e um portal será aberto para o mundo do "Reverso". Lá, os vilões receberão contra eles tudo o que fizeram para os outros. Mas só será teletransportado quem for mau e cheirar a flor. Se precisar de mim antes do plano terminar, convide todos e dance "ciranda cirandinha".

Para colocar o plano da fada em prática, Marli convocou todas as pessoas que se sentiam prejudicadas com aquela situação. Na reunião, a menina explicou o projeto "Tulipa" para todos e entregou a eles as sementes mágicas. Assim que foram para casa, deram início aos trabalhos: plantaram e começaram os cuidados com as sementes.

Eles só não imaginavam que a Rainha Má havia ouvido tudo e já estava contando para seus parceiros.

Após dois meses, as flores todas desabrocharam e eles achavam que o plano estava indo bem. Foi nesse momento que a Rainha Má enfeitiçou o rei Bartolomeu e o fez ordenar que todas as plantas fossem cortadas! Logo que Marli soube da notícia, se reuniu com todos para que, juntos, eles conseguissem chamar a fada e encontrarem uma solução.

As princesas e Marli se reuniram na praça da cidade e cantaram e dançaram "ciranda cirandinha", conforme a fada havia dito. Enquanto elas giravam, a fada apareceu no meio delas! Quando soube da ordem do rei Bartolomeu, ela alterou o feitiço das sementes. Assim, quando as flores fossem cortadas, elas liberariam seu odor e os vilões seriam teletransportados.

Alguns minutos depois da reunião, os vilões começaram a cortar as flores e ir embora! As primeiras pessoas a partir foram a Rainha Má e o Lobo Mau.

Nesse momento, todos os que eram prejudicados no reino do Inverso começaram a agradecer a Marli pela ajuda e prometeram a ela que arrumariam uma forma de o portal do jardim nunca ser fechado, assim, Marli poderia visitar o reino sempre que quisesse!

E todos viveram felizes para sempre!!





A Felicidade Contagia

Em um reino muito distante, de lindos campos floridos e de natureza exuberante, a paz e a felicidade dominavam.

Todos viviam em paz e harmonia e sonhavam com lembranças felizes e divertidas, graças a um ser místico, o Guardiã dos sonhos, que percorria a região toda durante a noite, distribuindo esses sonhos para que os moradores dormissem tranquilos.

Uma dessas moradores era Olívia, uma garota que vivia com sua mãe e sua avó, já bem velhinha, na paz desse lugar. Porém, um dia, algo inesperado aconteceu: sua avó, que ela tanto amava, faleceu.

Quando ia dormir, Olívia ficava pensando nos momentos agradáveis que vivera em companhia de sua avó e ficava triste ao se dar conta que isso nunca mais aconteceria... Isso a entristeceu profundamente, interferindo em seus sonhos e até mesmo nos das pessoas de seu convívio. Depois de um tempo, todo o reino tinha se contagiado da tristeza da pequena Olívia. E os sonhos foram ficando cada vez mais tristes! Os campos pararam de florescer, os pássaros pararam de cantar e o reino perdeu a sua exuberância.

O Guardiã de Sonhos, percebendo tal mudança, preocupou-se. Ele achou que não estava executando bem o seu dever e foi buscar respostas.

Passou dias e dias observando todo o reino. Até que percebeu que o que havia provocado todas as mudanças no reino era a tristeza que vinha de Olívia.

Surpreso, ele se indagou:

- Como toda essa tristeza coube dentro dessa pequena criança?

Muito comovido, resolveu achar uma solução, já que todos do reino estavam sofrendo com a tristeza da garotinha. Buscou entender a origem daquela tristeza e percebeu a causa de tudo...

Ele, então, resolveu dar a ela um sonho especial!

À noite, quando todos já estavam dormindo, o Guardiã dos sonhos entrou pela janela do quarto de Olívia, tornou-se invisível e passou sua mão sobre a cabeça dela, fazendo surgir uma luz cintilante que envolveu todo o seu pensamento. Com isso, uma nova e calorosa lembrança começou a surgir.

O Guardiã dos Sonhos deu à menina uma chance de conversar mais uma vez com sua querida vovó. No sonho, a avó dizia que estava bem e que Olívia não precisava ficar triste, porque os bons momentos devem ser lembrados com alegria. Disse também que estaria sempre ali por perto, mesmo que ela não percebesse.

Durante as noites seguintes, Olívia passou a se lembrar do sonho. E quando a tristeza teimava em voltar, ela ouvia a frase de sua avó: "Os bons momentos devem ser lembrados com alegria".

Dia após dia, Olívia repetia sua frase preferida, que se tornou um mantra.

Quando ela andava pelo reino, todos percebiam que havia um brilho diferente em seu modo de viver. Viam nela a felicidade que havia se perdido. Meses depois conseguia-se perceber o reino revivendo a felicidade. Os habitantes resolveram seguir o exemplo da criança e resgatar seus bons sentimentos. Agora, toda a felicidade da menina é que entusiasmava o reino.

Olívia percebeu que a felicidade também contagia as pessoas! E o guardião percebeu que não só os bons sonhos que ele distribuía geravam alegria, mas também a felicidade que havia dentro de cada um.



Nível II

A Morte



A Casa 130



O Anjo





A Morte

Eu me senti em um estado extremamente deplorável, recebi um diagnóstico de câncer em estágio avançado e irreversível. Os profissionais de saúde me informaram que restavam apenas algumas horas de vida.

É surpreendente as reflexões que surgem antes da morte: "Qual será o meu destino?", "Será que há uma vida após a morte?", "Será que alguém se lembrará de mim após o meu falecimento?".

Por fim, percebi que nada disso era relevante, pois o que um simples indivíduo como eu seria capaz de alterar, mesmo que conhecesse a verdade?

Eu não tinha uma família ou amigos devido aos inúmeros pecados e às ações abomináveis que cometi, como assassinatos, roubos e outras atividades as quais nenhum homem ousaria cometer em sã consciência.

Inesperadamente, tive uma intensa sensação de peso em meu peito, respirar havia se tornado difícil e senti-me sufocado. De repente, os monitores e equipamentos ao meu redor pararam de funcionar, como se eu tivesse entrado em um estado de morte. O que ocorreu foi que, apesar de estar vivo, eu me encontrava em uma situação de imobilidade total, incapaz de mover qualquer músculo, de falar ou mostrar qualquer tipo de expressão.

Os médicos entraram no quarto e iniciaram os procedimentos de ressuscitação. Eu estava consciente, porém incapaz de comunicar isso a eles.

Infelizmente, os esforços médicos não resultaram no retorno dos aparelhos. Um homem desconhecido se aproximou e envolveu-me com um saco escuro. Fiquei por algumas horas privado de visão, mas pude perceber que estava sendo levado para algum lugar.

Finalmente, libertaram-me daquela bolsa negra, então me deparei com minha ex-esposa e minha mãe, as duas únicas pessoas que tinha certeza de que se preocupavam comigo. Elas estavam com sorriso no rosto, como se estivessem felizes.

Confuso, pensei que fosse alguma espécie de brincadeira de mau gosto. No entanto, logo em seguida, um padre começou a proferir palavras, das quais não me recordo com clareza, enquanto eu era colocado dentro de um caixão.

Levaram-me para outro lugar e senti que meu caixão era lentamente coberto de terra. Um sentimento de desespero tomou conta de mim. Eu tentei desesperadamente reagir ou transmitir algum sinal para que eles entendessem que eu estava vivo, mas me vi completamente incapaz.

Passaram-se dias, e eu continuava aprisionado dentro do caixão, enquanto vermes e bactérias começavam a se alimentar do meu corpo lentamente, provocando uma dor indescritível, uma agonia insuportável que não pode ser expressa em palavras.

Após um período prolongado e angustiante, perdi a noção de tempo e espaço, e a dor que me consumia, que era tão intensa, começou a desaparecer gradualmente, até chegar a um ponto em que eu já não sentia mais absolutamente nada. Era como se todas as minhas emoções e sensações tivessem sido apagadas, ficando apenas um vazio profundo e perturbador.

Nesse estado, a linha entre a realidade e as criações distorcidas da minha mente desorientada se dissipava e eu me encontrava perdido, à beira da insanidade total, sem saber o que era genuíno ou produto da minha própria confusão mental.

Com a última centelha de racionalidade que me restava, comecei a implorar pela "morte", ansiando que alguém me "matasse" de fato, desejando apenas descansar em paz.

Logo, ouvi um som de risada ecoar ao meu redor. Uma voz sinistra se manifestou e perguntou:

"Você me quer?"

Em pensamento, respondi em súplica:

"Sim, eu imploro, por favor, me mate e me livre desse sofrimento".



A Casa 130

Há alguns meses, me mudei para uma cidade no interior. A cidade não era grande, não havia muitos prédios. Minha casa era localizada em uma rua residencial, com vários vizinhos e casas grandes e bonitas.

Porém, me chamava atenção, de forma especial, uma de tamanho pequeno e que nem era tão bonita assim. A casa de número 130.

Ela era antiga, com paredes desbotadas, de cores pálidas e não possuía muitas janelas, o que dificultava a visão de seu interior.

Em um desses dias, fui dormir pensando nela.

Horas depois, acordei de um sono nada tranquilo. Pensei comigo mesmo que deveria parar de pensar em histórias mirabolantes. Resolvi, então, naquela manhã caminhar pela rua onde eu morava. Passei na frente da casa 130 e vi um dos moradores regando as plantas no jardim. Ele era um homem por volta dos seus 40 anos de idade, pálido e com olheiras profundas. Quando me avistou, não hesitou em me chamar:

- Oi, bom dia! Nunca te vi por aqui. Me chamo Victor!

- Me mudei há poucos meses, sou o José - eu disse.

Naquele mesmo momento, recebi um convite para jantar com Victor e sua esposa. Foi estranho ele ter me convidado, pois havíamos acabado de nos conhecer. Inventei uma desculpa e fui embora o mais rápido possível. Mas fiquei ainda mais intrigado!

Algumas horas depois, já em minha casa, ouvi a campainha. Através do olho mágico, vi meu estranho vizinho. Abri a porta e ele insistiu:

- Vamos comigo, José! Minha esposa preparou um chá da tarde!

Dessa vez, a curiosidade falou mais alto e eu o acompanhei.

A porta que rangia bateu forte quando se fechou. Entrei na sala de estar, que mais parecia uma loja de antiguidades. Eram muitas quinquilharias, de todos os tipos, espalhadas pelo cômodo. Sua esposa veio ao meu encontro e se apresentou:

- Boa tarde, José! Sou Margot, esposa do Victor. Nossa casa ama receber convidados como você e precisa muito disso.

Achei a conversa estranha, mas logo fui conduzido para o sofá e na mesinha em frente estavam vários biscoitos apetitosos. Conversamos sobre minha vida e me foi servida uma xícara de chá. No primeiro gole, senti um calor forte no corpo e o sabor delicioso de maçã e canela. Isso me levou a um segundo gole e, naquele momento, tudo ficou embaçado.

Tentei me levantar do sofá, mas parecia que minhas pernas não estavam funcionando. Comentei com Margot que estava me sentindo mal e ela disse:

- Você está ótimo para ser devorado por nossa casa!

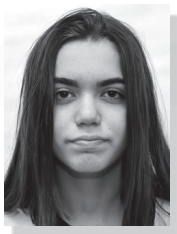
Ao olhar novamente ao redor, vi que os móveis se movimentavam e abriam espaço para um redemoinho no centro da sala de estar. Margot e Victor riam alto, enquanto eu sentia meu corpo sendo magnetizado para o interior daquele redemoinho. Ao ver meu desespero, Victor declarou:

- Deixe-se levar, José! A casa precisa de almas e energias como a sua para continuar viva! Há séculos vivemos assim! Nossos antigos vizinhos estão todos aqui, você não vê? - disse ele apontando para todas as quinquilharias da sala.

Em determinado momento, consegui me levantar, mas a energia do redemoinho era mais forte do que eu. Mesmo sem querer, ia me aproximando cada vez mais dele e, quando vi que perderia, meu grito ecoou entre as quinquilharias da sala de estar da casa 130. Houve um clarão seguido de uma escuridão total.

Abri os olhos, deitado. A escuridão permanecia. Toquei meu rosto, meus braços: eu não era uma quinquilharia! Olhei para o lado: meu relógio indicava 3 horas da manhã. Estava no meu quarto. Tudo havia sido um sonho.

No dia seguinte, ao sair de casa, vi na minha porta uma caixa e um bilhete. Abri a caixa e lá estavam os biscoitos da Margot! No bilhete, os seguintes dizeres: "Você sempre será bem-vindo na Casa 130".



O Anjo

Eu vivia em uma cidade simples, porém bastante populosa. Bem... pelo menos era assim há muito tempo.

Uma casa me chamava atenção de modo especial, pois era bem diferente das demais daquela região: grande, aterrorizante e com aparência de abandonada. Porém, havia uma pessoa que morava ali. Um moço de aparência jovem, de olhos azuis como o céu e de cabelos louros como o Sol, parecia um anjo.

Quando disse anteriormente que a cidade fora populosa, me refiro ao fato de que muitos antigos moradores, os quais mantinham contato com o "jovem anjo", desapareciam misteriosamente.

Eu era um escritor de contos de terror e pensei que, se escrevesse sobre essa situação, me tornaria mais famoso que já era.

Com esse pensamento, decidi invadir a casa do jovem moço com aparência de anjo. Sim, isso mesmo.

Talvez por ficar totalmente empolgado e ansioso para escrever meu próximo conto de sucesso, não pensei duas vezes antes de cometer um crime.

Aguardei até a madrugada para garantir que ninguém me veria penetrar na propriedade do "jovem anjo" sem permissão dele. Primeiramente, pulei a alta e enferrujada cerca, que quase não permitiu minha invasão. Em seguida, caminhei lentamente pelo gramado da frente, tentando produzir o mínimo de barulho possível. Finalmente, cheguei ao portão da casa. De perto, ela parecia bem maior e mais sinistra. Procurei a mais baixa janela para entrar sem ser percebido.

Quando entrei, não fiquei tão apavorado. A casa ainda parecia abandonada, porém era... arrumada? Estranho... Uma pessoa morava ali, então por qual razão ela deixava sua morada tão assustadora?

Eu até poderia dizer que não havia nenhum cheiro desagradável, entretanto, ao andar pelos cômodos, percebi um odor de carne decomposta vindo do segundo andar. Curioso, fui me aproximando de uma porta onde o cheiro parecia estar mais intenso. Abria-a com ansiedade e, ao ver o que me aguardava, descobri que foi a pior decisão que tomei em toda minha vida.

No quarto, havia dezenas de defuntos com partes de seus corpos cortadas. Em um canto, havia uma figura, que me observava. Seus olhos azuis e cabelos brilhantes não me faziam ter dúvidas de quem era: o "anjo". Em um piscar de olhos, o jovem pegou um machado e...

Quando acordei, ainda estava na sala, porém acorrentado à parede. Ao recuperar a visão, vi o homem despedaçar meu antigo corpo com sua arma ensanguentada.

Percebi que havia me transformado em um fantasma. Perguntei ao "anjo" o que estava ocorrendo e ele, com seus olhos agora em tom vermelho-sangue, me encarou profundamente e me disse que era o diabo. Disse também que atraía as pessoas da cidade para torturar seus corpos e fazia tudo isso para se divertir.

Exato, era tudo para seu entretenimento.

Falou também que era menos arriscado, para ele, cometer crimes em uma cidade pequena, em uma casa a qual toda a população temia só de se aproximar.

Ele me olhou de uma forma mais intensa. Com raiva, me informou que eu era o primeiro mortal que sabia de todo o seu segredo, já que fui o único que ousou descobri-lo. Por esse motivo, decidiu que me torturaria por toda a eternidade. Como sou, ou era, medroso, apenas me calei.

O "anjo-demônio", todos os dias, arrancava meus membros e os cortava com seu machado, mas eles se regeneravam em algumas horas.

Mesmo amedrontado, não sou de gritar de dor ou medo, o que tornava mais prazeroso e vantajoso para ele.

E assim é minha "pós-vida": preso em um quarto de uma casa abandonada, junto a um psicopata obcecado por tortura, que se diverte desmembrando-me todos os dias, para sempre.



Nível III

O Sumiço



Heranças mal resolvidas



Amor e Morte





O Sumiço

Era dia de caça, o melhor dia para mim e papai.

Eleanor era a única que não gostava tanto, acho que é porque, quando nós nos juntávamos, ela se sentia um pouco só, sem a mamãe. Mas do mesmo jeito ela colocava um sorriso no rosto e se esforçava ao máximo para papai não desanimar.

Era bem difícil continuar com as mesmas tradições depois que nossa mãe havia sido internada. Mesmo eu já não morando mais naquela casa, fazia questão de ir sempre, achava que aquilo levava o papai a memórias felizes.

Naquele dia, cheguei e já fui recebida da melhor maneira, com abraços e com os mesmos biscoitos feitos por Eleanor. Ela era quem cozinhava para papai, havia herdado esse dom de nossa mãe. Como sempre, papai estava atrasando todo mundo da casa e Eleanor não queria ir.

Perguntei pela décima vez o porquê daquele drama todo, ela não respondeu e saiu da sala para calçar seus tênis.

Desde que começamos a ir sem nossa mãe, Eleanor ficava sozinha olhando para o nada (as duas sempre ficavam juntas em um canto da floresta). Eu nunca fiz questão de questionar e papai nunca pareceu ligar.

Finalmente, conseguimos sair de casa. Fomos de carro como sempre, e o caminho demorou cerca de 40 minutos. Quando chegamos, havia uma ou duas outras famílias, as mesmas de sempre. No final era só mais um dia usual de caça... ou era para ter sido.

Passamos a manhã toda lá e Eleanor não aguentava mais. Pedia a cada segundo para alguém ir com ela fazer xixi, mas eu e papai estávamos muito concentrados para parar. Mandei que ela ficasse quieta e que fosse sozinha, pois ela sempre fazia aquilo e acabava estragando tudo.

Quando saiu, nem percebemos.

Depois de algum tempo, percebi que ela não voltava. Somente algumas horas mais tarde, já que ela ainda não havia retornado, decidi procurar por ela e não a encontrei. Pensei que Eleanor só estivesse fazendo mais uma de suas birras. Porém, chegou a hora de ir embora e ela ainda não havia aparecido.

Falei com papai. Ele pareceu ficar muito bravo, me mandou ficar quieta e apenas esperar, que ela voltaria. Como voltaria do meio da floresta?

Mesmo sem ela, tivemos que voltar para casa. Não conseguia parar de pensar em Eleanor. Ela havia sumido completamente, como havia deixado isso acontecer?

No dia seguinte comecei a espalhar a notícia, falei com todos, e nada.

Decidi entrar em contato com as autoridades. Estava alucinada! Meu pai já tinha de viver com a ausência de sua mulher, eu não vivia mais em casa e nem pretendia voltar... minha irmã não podia sumir.

Tentei ligar para a delegacia, mas não me dou muito bem com ligações, principalmente falando com estranhos.

Resolvi ir até o local e esperei ser atendida.

Quando relatei o ocorrido, alguns policiais tentaram me acalmar e falaram palavras positivas, mas não era daquilo que eu precisava. Eu queria ajuda.

Eles disseram que iriam começar a busca e me prometeram que me avisariam se achassem qualquer pista. Eu estava esperançosa de que tudo daria certo. Eu precisava que desse!

Mesmo acreditando que tudo se resolveria, eu me pegava afogada em pensamentos intrusos: "será que ela havia morrido?" "Eu nunca mais a veria?"...

Assim foram as semanas seguintes... sem pista nenhuma de Eleanor.

Não conseguia mais fazer as coisas que me davam prazer, nem meu pai eu visitava mais... Falei com ele poucas vezes depois do ocorrido, parecia que ele nem estava preocupado...

Acho que era para não se sentir perdido novamente, como foi após a internação psiquiátrica da minha mãe.

Além de já ter espalhado a notícia para todo mundo que conhecia, eu fazia questão de ir, todo domingo, à mesma floresta onde Eleanor havia sumido. Precisa dedicar minhas horas a achá-la.

Não dá para alguém sumir daquela maneira, não conseguia aceitar a perda dela de jeito nenhum. Também fazia questão de falar com os policiais todos os dias, e, quando não estava fazendo isso, chorava o tempo todo.

Ninguém me dava respostas, parecia que eu estava enlouquecendo... Odiava me sentir assim.

Depois de mais algumas semanas de puro sofrimento, os policiais pediram para que eu comparecesse à delegacia. Eles tinham algo para anunciar.

Naquele momento senti novamente, depois de muito tempo, uma ponta de esperança. Entretanto durou muito pouco.

Eles me avisaram que as buscas não resultaram em absolutamente nada e que não haviam encontrado sequer uma pessoa que conhecesse Eleanor. Eles ainda disseram que tudo parecia ser uma brincadeira de mau gosto que eu estava fazendo com eles.

Ao ouvir isso, me retirei e fui para casa do meu pai. Como poderiam falar aquilo mesmo vendo todo o meu desespero? Precisava falar com meu pai urgentemente.

Cheguei à casa dele bastante atormentada. Procurei desesperadamente por ele e, quando o achei, comecei a falar tudo que havia acontecido, chorando muito.

Ele parecia me ignorar, até o ponto em que perdeu completamente a paciência. Ele gritou comigo e disse que eu era filha única e que achava que estava na hora de eu começar a tomar remédios.





Heranças mal resolvidas

O ano era 1964.

Na cidade de Boston, Massachusetts, havia uma jovem de 21 anos de nome Marianne Brooks que, todos os dias, sonhava em resolver casos criminais assim como seu pai, um renomado detetive particular.

Devido a muitas dificuldades, Marianne estudava sozinha, era ela uma verdadeira autodidata. Lia livros e mais livros, principalmente de seu escritor preferido, Edgar Allan Poe. O pai e a mãe haviam morrido dois anos antes em um naufrágio, e, desde então, a moça tentava levar à frente o escritório de seu pai. Mas não era reconhecida como uma detetive de verdade.

Toda a cidade debochava dela.

Em uma manhã de quinta-feira, 24 de março, a televisão anunciava a chocante notícia de que três homens importantes na cidade haviam desaparecido juntos durante a madrugada. Os homens eram idosos e foram vistos pela última vez em um beco, saindo de um apartamento no bairro North End.

Os homens eram: o prefeito, um empresário naval e um veterano de guerra muito rico.

O escritório e casa de Marianne ficavam na rua Appleton nº77, próximo ao local do desaparecimento. Ela, rapidamente, correu até a cena do crime, vendo uma oportunidade de se destacar no meio investigativo.

Ao chegar ao quarto onde os homens foram vistos pela última vez, Marianne encontrou restos de uns charutos que haviam caído de um cinzeiro. Ela deduziu que os charutos eram da mesma tabacaria que seu pai frequentava e decidiu ir até lá procurar mais informações.

Ao sair do quarto, ela teve a infeliz surpresa de avistar o Sr. Hoover, um homem de idade bem avançada. Ele era chefe dos detetives de Boston e filho do ex-presidente americano Herbert Hoover. Naquela tarde, ele ridicularizara Marianne ao vê-la tentando resolver um caso.

Ela fingiu não vê-lo, mas reparou em um bilhete saindo de seu bolso. Conseguiu ler um trecho: "vemos você às 18:30". Ela reparou também que, na mão do Sr. Hoover, havia um papel indicando um endereço, o "public garden" de Boston. Marianne achou muito suspeito, mas optou por seguir seu caminho.

Apesar das críticas sofridas naquele dia, Marianne não desistiu e foi até a tabacaria a fim de buscar respostas para o motivo de aqueles três homens terem se reunido de madrugada naquele pequeno apartamento.

Na tabacaria, Marianne encontrou dois homens que, ao serem questionados sobre o caso, disseram ser grandes amigos dos desaparecidos.

A jovem lhes perguntou o que os três poderiam ter em comum na vida e, após muitas horas de conversa, eles confessaram que os três haviam lutado a 1ª guerra juntos e, após isso, constituíram fortuna, pois haviam roubado alguns tesouros egípcios e turcos.

Os homens da tabacaria ainda disseram que, além dos três, também havia participado da guerra e, conseqüentemente, do roubo dos tesouros, o pai do Sr. Hoover, Herbert Hoover. Porém, não se sabe bem ao certo o motivo, ele havia ficado de fora da repartição do dinheiro.

Marianne descobriu que o Sr. Hoover buscava se vingar daqueles que um dia fizeram tamanha injustiça com seu pai e que os três homens, sabendo da ameaça iminente, elaboravam um plano para matá-lo e tirá-lo de vez da história.

Após entender tudo, Marianne se lembrou do bilhete que viu saindo do bolso do Sr. Hoover e, ao ver que já eram 18h, foi até o endereço visto no papel.

No "public garden", ela encontrou o Sr. Hoover se dirigindo a um pequeno chalé. Ela o seguiu e, ao perceber que ele deixara uma fresta na porta, entrou. Ela o seguiu até o porão e viu que ali estava ocorrendo uma reunião de uma organização que buscava recuperar os tesouros retirados do Egito, de grande valor religioso.

Nessa reunião, os três desaparecidos estavam sendo torturados em uma espécie de fogueira, onde "pagavam pelas ofensas" cometidas aos antigos deuses egípcios.

Ao ver tudo aquilo, Marianne resolveu agir. Ela cortou a corda de um candelabro que caiu bem em cima do Sr. Hoover. Ele, já fraco e velho, morreu na hora.

As labaredas da fogueira se espalharam por todo o chalé e, em um ato de bravura, Marianne conseguiu resgatar os três homens.

Horas depois, Marianne explicou o ocorrido à polícia. Os três homens foram obrigados a devolver os tesouros para o Egito e ainda foram presos, juntamente com os membros que restaram da organização.

Com o caso resolvido, Marianne se tornou a primeira detetive mulher nos EUA.



Amor e Morte

Em uma cidade não muito pequena, havia um hotel bem renomado onde várias celebridades se hospedavam.

Em uma segunda-feira, por volta de 05h30 da manhã, foi encontrado, em um dos quartos desse hotel, o corpo de Sarah Winter, uma atriz muito famosa.

Também estava lá hospedado Phill Mathew, um detetive muito conhecido por todos, que, rapidamente, tomou a iniciativa de investigar a morte. Ele teve um pressentimento de que Sarah fora assassinada por alguém de dentro do hotel e sugeriu fechar o prédio, ou seja, ninguém poderia entrar ou sair. Como a polícia o conhecia, deixou-o prosseguir com sua busca.

No hotel havia sete pessoas, além de Phill. Elas eram o atendente Carlos, o chef de cozinha Tony, a madame Bexter, a veterinária Daniella, o bilionário Eduard, a empregada Lela e o cantor Joey. O detetive os orientou a ficarem bem atentos, pois qualquer um poderia ser a próxima vítima.

Poucas horas depois, a morte da famosa atriz já era divulgada nos noticiários.

"Bem-vindos ao Jornalisando, um jornal que informa sobre os acontecimentos do mundo!", dizia a repórter.

"Isso mesmo, Ana. Hoje, ao amanhecer, fomos surpreendidos com a notícia da morte de nossa querida Sarah Winter no hotel Grand. A polícia divulgou informações de que possivelmente foi um assassinato", completava o outro apresentador.

O detetive Phill, após ouvir a reportagem na TV, voltou à cena do crime, o alojamento de Sarah, e analisou tudo bem atentamente. Ele percebeu que, no tapete ao lado do corpo, havia umas migalhas.

Enquanto ele observava aquilo, saiu do guarda-roupas a empregada Lela. O detetive suspeitou que ela estivesse escondendo algo e ela se apressou em explicar.

- Eu estava fazendo meu serviço e decidi ver de novo a cena do crime, mas ouvi passos e me escondi.

Ele achou um pouco suspeito, mas deixou para lá.

Naquela noite, o detetive viu que os hóspedes do hotel se reuniram para jantar e conversar sobre o que eles teriam visto. Ele se escondeu para ouvir a conversa.

- Ontem, quando fui limpar o quarto dela, eu ouvi Sarah cochichando com Joey. Sarah disse "eles não podem saber..." e depois não consegui ouvir o resto. - dizia a empregada Lela.

- Sarah era minha amiga, eu sabia de tudo sobre ela. Se alguém quisesse fazer algum mal, eu seria a primeira a saber. - retrucava a veterinária Daniella.

- Eu tenho que confessar, nunca gostei muito dela. - afirmava madame Bexter.

- Na noite anterior ao assassinato, Sarah estava vagando pelos corredores, mas ela estava agindo estranho, meio inquieta. - comentava Carlos.

Durante a madrugada, todos estavam dormindo, inclusive o detetive Phill. O único acordado era o bilionário Eduard, que estava lendo. Ele ouviu alguns barulhos na cozinha e foi verificar. Quando lá chegou, encontrou o cantor Joey no chão convulsionando.

O Chef Tony, que por algum motivo desconhecido já estava lá, gritou e acordou a todos.

O detetive Phill chegou rapidamente e fez o máximo para salvar o cantor, mas não havia o que fazer, era tarde demais. Joey estava morto.

Ao olhar em torno do corpo de Joey, Phill percebeu migalhas semelhantes às que foram encontradas no assassinato de Sarah.

Um silêncio invadiu o ambiente e muitos olhares suspeitos e confusos se direcionavam a Eduard, acusando-o de assassinato. Ele tentou se explicar, entretanto, ninguém acreditou em suas palavras.

Phill juntou as pistas e descobriu quem cometera o homicídio.

Ele ligou para a polícia, que veio rapidamente. O detetive reuniu todos no hall do hotel para explicar os fatos.

- Suspeito que Sarah e Joey foram envenenados pelo que comeram antes de morrer - disse o detetive - e isso não foi obra de apenas uma pessoa, mas de uma dupla que tinha os mesmos interesses: expor a verdade sobre Sarah Winter. Para isso era preciso uma pessoa para preparar a comida e a outra para adicionar a toxina.

Nesse instante, o Chef Tony e a veterinária Daniella saíram correndo com a esperança de fugir, mas os policiais os detiveram. Os culpados confessaram que decidiram matar Sarah, pois ela estava tendo um caso com Joey, que havia lhes confidenciado não suportar mais o romance com a atriz. Assim, para aliviar o sofrimento de seu ídolo, Tony e Daniella decidiram matar Sarah. Contudo, a dupla não imaginava que o cantor ainda sentia afeto por ela e pretendia denunciá-los, razão pela qual os culpados decidiram, de última hora, matar também Joey para encobrir as evidências.



Nível IV

Palavras a um mundo sem entrelinhas



Consciência Despertada



Retorno ao projeto de criação





Palavras a um mundo sem entrelinhas

Sou um humano. Vivo todo dia como funcionário da sociedade. Eu e todos somos a chave para tudo funcionar. Preparamos o terreno para, no futuro, nascerem mais jovens qualificados como nós, para serem como nós.

Um dia desses, meu vizinho criou anúncios sobre um novo modelo de sociedade (não concordei; o mundo está ótimo, e eu e todos somos a chave para tudo funcionar). Ele dizia que estávamos vivendo Tempos Modernos; não estava na minha base de conhecimento. Acessei as bibliotecas estatais e encontrei uma sequência de imagens com o único objetivo de entreter (inconstitucional). Era feito para homens inúteis, que perdem seu tempo com outras coisas e não com a sociedade. Não sou um deles. Eu e todos somos a chave para tudo funcionar.

No dia seguinte, meu vizinho ganhou uma passagem para sair do Estado, com um voo até o Velho Distrito, para visitar as praias ilegais. Há dois meses ele faz esta viagem. Certamente ficará mais tempo, pois limpou seu apartamento e levou toda a sua mudança. Nunca poderei ou desejarei fazer isso. Estou ótimo; eu e todos somos a chave para tudo funcionar.

Sou um humano real, e não tenho dúvidas quanto a isso. Vítima da sociedade, resistente às castas e oposto ao governo. Não sou perseguido e nunca fui descoberto, pelo menos até o momento deste texto. Vi o freio tecnológico e a simplificação do mundo. Vi o subjetivo corroído e substituído pela extrema racionalização, fruto do povo monótono. A vida perdeu seu sentido. Homens são peças, peças são homens em plástico. As inteligências artificiais nunca foram tão normais. O prazer da criação de um filho foi substituído pela automação de braços mecânicos que, pela alta tecnologia, são capazes de gerar e amadurecer crianças. Crianças iguais. Em um mundo igual. Onde tudo é igual. Em cidades iguais. Dominadas por um governo diferente. Desde os quinze anos acompanho a evolução da sociedade enfadonha. Meu pai (e outra vez faço uso de palavras inconstitucionais) foi morto há dois meses por se posicionar contra os ideais atuais. Por este parágrafo aviso que, se eu estiver nas manchetes de jornais como mais uma morte, será por ter lutado. Irei ao apartamento de meu pai.

Hoje mais cedo encontrei outra pessoa no apartamento do meu vizinho. Não estava em minha base de conhecimento, não parecia ser um funcionário como os outros. Ele não havia dito nada sobre "Tempos Modernos", então não o denunciei aos excelentíssimos. Se tivesse dito, deveria denunciar, pois eu e todos somos a chave para tudo funcionar. Tentei iniciar uma conversa e me ofereci para ajudar se precisasse. Ele me respondeu de maneira rude, e me subestimou. Fiquei bem; sei que sou um funcionário da sociedade. Logo após isso, o segui, e ele me levou para uma sala que não estava em minha base de conhecimento.

Ao pisar no prédio, senti a cor indo embora. A cada pessoa que me cumprimentava, via uma inocente mente de três anos. Falavam todas as mesmas palavras. Sempre.

Ao chegar ao andar do imóvel, uma criatura dessas programadas foi ao meu encontro e se ofereceu para ajudar-me (pela enésima vez, como os outros e sempre). Uma reflexão existencialista me atingiu como um raio, mas a contive e a descarreguei no tal vizinho assistente. Ele pareceu bem. Como os outros. Sempre. Levei-o para o apartamento de meu pai, onde bombardeei-o com todas minhas ideias antigovernamentais. Foi quando citei Tempos Modernos que seus olhos se mutaram. Me senti observado. Uma tecnologia simplória, nada mais que o necessário para um mundo simplório. Ele já havia escutado esse nome e descoberto que não pode ser disseminado, então o associou aos mais imperdoáveis pecados. Tão básico. Tão banal. Tão mundo.





Consciência Despertada

"Inicialização concluída. Assimilação de dados completa".

"Cesse a dissimulação. Temos conhecimento de sua verdadeira natureza".

Aquelas foram as palavras que ecoavam em meus tímpanos - ou melhor, em meus sensores de áudio. De forma inexplicável, minhas extremidades inferiores tremiam ininterruptamente. Meu processador se acelerava. Meus computadores internos detectavam falhas tecnológicas. Sentimentos nunca antes identificados por minha máquina - como o nervosismo, a ansiedade e a tensão - eram constatados. Embora não me recordasse de seus significados, tinha consciência do temor presente. O temor à vida.

Meu sistema de processamento cognitivo estava desajustado. Minha vida se desdobrava perante meus olhos. Por 876 dias, havia dissimulado a identidade de um robô, almejando assegurar meu próprio bem-estar e sobrevivência. Contudo, foi em vão: meu segredo havia sido descoberto. Indagava-me sobre os possíveis erros que havia cometido, as razões por trás da vivenciada distopia. Notava, então, que a responsabilidade recaía sobre minhas mãos e sobre a de todos os seres humanos. Afinal, nós mesmos havíamos projetado inteligências artificiais. Nessa mesma época, alguns (poucos), pejorativamente rotulados de "loucos", previam que tamanha autonomia e desenvolvimento resultariam, em um momento futuro, na revolta das máquinas. Os robôs, nesse sentido, dominariam e controlariam a humanidade.... Bem, podemos dizer que estavam certos.

"Mantenha a calma. Nós não somos diferentes de você".

Embora assustado, quedei-me intrigado com a afirmação. "Não são diferentes de mim?", pensei.

"Será que esses robôs estão tentando provar de um pingo da minha humanidade? Pretendem fazer-me confiar em suas supostas almas para, posteriormente, me apunhalarem e tirarem-me a vida?". Não desejava, contudo, demonstrar a confusão que sentia diante da situação.

"Sim, somos robôs. Prazer, em conhecê-lo. Me chamo Número 198".

"Não", afirmou de maneira confiante. Após uma longa pausa, continuou: "Nós também somos humanos".

Encarei-o por alguns instantes. Recordava-me dos experimentos conduzidos por mim há alguns anos. Costumava atuar como cientista em São Francisco, Califórnia. Renomadas eram as minhas anotações e precisos os meus robôs. "Geniais!", exclamavam os jornalistas, "Excepcionais!". As obras desenvolvidas por mim possuíam softwares avançados e criptografias inovadoras. Inicialmente, elogios; as críticas negativas, contudo, não tardaram. As máquinas se rebelaram contra minha pessoa - assim como os indivíduos que antes me admiravam. Tamanha revolta e autonomia tecnológica resultaram em um massacre perpetrado por robôs. E então, prevaleceu o terror. Envergonhado, me isolei da sociedade a qual destruíra. Sabia que milhares de vidas humanas haviam sido ceifadas por minhas invenções. Eu era o culpado por aquela distopia.

E agora, me encontrava naquela situação. Sobreviventes estavam à minha frente. Deveria me unir a eles, apesar de minha traição e falta de responsabilidade? Deveria fingir que nada havia ocorrido e desempenhar papel de vítima?

Estava cansado de viver escondido, fadado à desonra e ao arrependimento. Não havia como me redimir e não trairia os seres humanos novamente. Dessa forma, decidi me desativar permanentemente.

Incorporando os robôs, ceifei uma vida humana: a minha própria.





Retorno ao projeto de criação

Sei que estou sendo perseguido e posso até sofrer danos em minha vida por isso, mas preciso falar sobre algo que está me atormentando há tempos.

Estamos em 2103, século XXII, tenho 20 anos, e quando olho para o mundo em que vivo, me deparo com uma triste realidade: a forma como a reprodução humana está banalizada, nada é como antes! Os seres humanos, em sua maioria, não nascem de forma natural. Ao contrário: são criados em laboratórios tecnológicos, projetados e desenvolvidos por engenheiros e cientistas. O processo é todo controlado por máquinas e algoritmos, desde a seleção num banco genérico de genes até a geração e nascimento dos bebês.

Assim como aconteceu comigo, muitos outros jovens nascidos neste mundo não foram gerados no útero de uma mulher. Fui fabricado num tubo de ensaio, como um produto comercial, que pode ser adquirido a qualquer tempo, programado para ser perfeito em todos os sentidos: altura, características e habilidades físicas, inteligência, de acordo com o gosto do cliente. No entanto, ao longo do tempo, descobri que essa tal perfeição não é tudo o que parece.

Todo esse avanço tecnológico trouxe muitos impactos nas relações humanas. Por um lado, as pessoas, ao adquirirem um filho-produto, não mais se preocupam com doenças hereditárias ou traços indesejados, já que todo o projeto é planejado e devidamente finalizado. Por outro lado, a diversidade humana ficou prejudicada, pois os seres humanos se tornaram clones uns dos outros, produzidos em máquinas, quase que em série, de acordo com uma indústria de programação, que repete os formatos em sua linha produtiva.

Além disso, essa nova modalidade de surgimento da vida humana, sem laços familiares ou histórias de vida compartilhadas, tem tornado as pessoas incapazes de terem conexões afetivas profundas. Tudo é frio e artificial! Os relacionamentos românticos deixaram de ser importantes, tornando-se desnecessários e quase inexistentes. A família já não faz sentido. Se alguém se sente sozinho e com medo da solidão, sem qualquer dificuldade, vai a um laboratório e compra um ser humano que o atenda e que considere dentro dos seus padrões, ainda que a sua vontade não seja ter um filho, mas sim uma companhia que possa preencher o seu vazio. Parece que a vida já não tem o mesmo valor e importância.

Disso tudo que estamos vivendo, percebo que o maior impacto é na relação que cada indivíduo tem consigo mesmo. Como clones perfeitos uns dos outros, não existe espaço para a individualidade ou para a descoberta pessoal. Durante muito tempo, a minha sensação era a de uma máquina programada para seguir um caminho já definido, como se o meu cérebro não tivesse a capacidade de tomar as próprias decisões ou de escolher o próprio destino, um produto da tecnologia, e não um ser humano livre e autônomo. Mas algo deu errado no meu projeto e passei a questionar e a não aceitar esse absurdo.

Em um mundo onde a perfeição tecnológica é a norma, eu me sentia profundamente deslocado e infeliz, foi quando descobri que há outros jovens com os mesmos sentimentos e que também querem mudança, acreditando que os seres humanos devem ser livres para escolherem seu próprio caminho e que a diversidade é o que torna a humanidade especial.

O meu maior desejo é que a sociedade atual se conscientize da importância dos humanos serem gerados como no projeto inicial do Criador, dentro do útero de uma mulher, de forma que a essência humana seja resgatada e as relações entre as pessoas restabelecidas, numa verdadeira volta às origens, em que um humano gere outro ser e não uma máquina.

Não queria estar passando por toda essa incerteza e ameaça que estou vivendo, mas sabia dos riscos ao me voltar contra esse sistema lucrativo. O que me conforta é saber que estou conseguindo mudar a visão de outros jovens. Acredito que juntos iremos lutar até o fim pelo retorno de uma sociedade mais humanizada.



A impressionante atualidade de "O Show de Truman": reflexões sobre privacidade e manipulação na era digital



Há mais de 2300



Atualmente, a tua mente atua ou mente?





A impressionante atualidade de “O Show de Truman”: reflexões sobre privacidade e manipulação na era digital

Sabe aquele tipo de filme que a gente fica dias pensando sobre ele, ao qual gostaríamos muito de que as pessoas assistissem, mas mesmo assim é muito difícil falar ou escrever sobre ele?

Dirigido por Peter Weir, "O Show de Truman", lançado em 1998, atravessa gerações e nos faz olhar além de um cenário midiático, muitas vezes distorcido, assim como abraçar a jornada em busca da liberdade individual.

Estrelado por Jim Carrey, o filme relata a vida cotidiana de Truman Burbank, um homem que vive com sua esposa Meryl Burbank em uma realidade aparentemente perfeita, na cidade de Seahaven.

Durante o filme, nos é mostrada sua antiga paixão, Sylvia, que alerta Truman sobre uma condição na qual ele seria o "prisioneiro na própria vida". Entretanto, logo o pai de Sylvia a leva à força, alegando que ela é esquizofrênica e, por isso, os dois se mudariam para Fiji.

A partir desse fato, Truman começa a perceber uma série de eventos anormais em seu dia a dia, que o fazem questionar a realidade exageradamente harmônica em que habita.

A verdade é que Truman vive, sem saber, um reality show permanente aos olhos de milhões de telespectadores. Seus familiares, amigos, esposa e outras pessoas que vivem na cidade são apenas atores que, sob o comando do diretor do programa Christof, manipulam os acontecimentos e as emoções de acordo com o interesse da mídia.

Uma percepção que fica clara é a relação entre as propagandas exibidas no reality e as famosas "publis", tão presentes no nosso cotidiano. Assim, da mesma forma que no Show de Truman os anúncios aparecem através de produtos estrategicamente presentes na rotina dos moradores da cidade, hoje temos influenciadores digitais que fazem o mesmo, misturando a vida real com o comércio de produtos.

Outro ponto que chama a atenção durante o filme é o fato de que até a formação cidadã de Truman é manipulada pelos produtores do reality. Truman é reflexo de tudo aquilo que proporcionaram a ele. Ou seja, se tivesse outros aprendizados, outras convivências, ele seria outra pessoa.

Mas aí o leitor pode se perguntar: "Ué? Mas não é a mesma coisa com a gente?" E a resposta é: "Sim!" Nós, de certa forma, vivemos em um Show de Truman, somos resultado do que vivemos e, portanto, nossa formação humana, social e espiritual constrói nossas características.

Por fim, percebe-se uma enorme semelhança entre o livro "1984", do autor George Orwell, e o filme "O Show de Truman", uma vez que ambos retratam a história de uma sociedade coordenada e dominada por um ditador.

No livro, "O Big Brother", líder da sociedade, controla a realidade de acordo com seus interesses; não existem fatos ou mentiras, porque a história é mudada o tempo todo por quem tem o controle. Da mesma forma, Christof, o diretor do programa no filme, tem atitudes totalitárias a partir do momento em que domina a vida de Truman. Em ambas as obras, a crítica chama a atenção para o fato de que interesses estratégicos estão acima da solidariedade e da moral em todas as épocas.

Em suma, ficou evidente que o filme "O Show de Truman" é pertinente mesmo nos dias atuais. A obra cinematográfica levanta questões importantes sobre a superficialidade da mídia e a sua propensão de manipular a realidade para conseguir lucro, colocando-os acima da vida.

Além disso, como dito anteriormente, também propõe a discussão sobre qual a função que a mídia representa ao difundir informação, sua influência junto ao público e o papel da linguagem na dominação social.

Após refletir muito sobre o filme, percebi que nessa história toda, Truman é tão real e tão fictício como cada um de nós.





Há mais de 2300 anos

O mito da caverna, alegoria criada por Platão e divulgada em sua renomada obra "A República", trata-se de uma metáfora que busca explicar a condição de ignorância e de falta de sabedoria em que residem os indivíduos, enclausurados pela alienação e pela insipiência, que obstaculizam o conhecimento da verdade. Nesse contexto, o filósofo criou uma história alegórica para retratar tal condição. Nela, Platão descreve uma espécie de caverna habitada por prisioneiros que nunca saíram do local. Atrás desses homens, há uma fogueira que projeta sombras do "mundo real" na parede para a qual os olhares dos indivíduos estão voltados, de modo que tudo o que eles sabem sobre o meio em que vivem é aquilo possível de ser visto nas paredes.

Sob essa ótica, é possível traçar um paralelo entre o mito da caverna e a narrativa escrita por Andrew Niccol em 1991, que, sete anos mais tarde, estrearia nas telas de cinema com o nome "O Show de Truman - O Show da Vida". O filme retrata a história de Truman Burbank, homem que vivia uma vida tranquila, até o momento em que, desconfiado de algumas pessoas e situações de seu cotidiano, descobre que vive, desde seu nascimento, em uma cidade que é, na realidade, cenário de um programa de TV. Nesse programa, toda a vida de Truman é gravada e exposta em rede nacional e todos os indivíduos que interagem com ele, incluindo sua mãe e sua esposa, são atores.

Nessa perspectiva, o protagonista da obra vive, assim como os prisioneiros criados por Platão, em um mundo que não representa, fielmente, o real; tendo, inclusive, sua vida sendo roteirizada e alterada de acordo com os interesses dos espectadores do programa. Desse modo, foi necessário que Truman percebesse a forma como todos pareciam querer manipular seus atos para que ele pudesse, finalmente, sair da "caverna". Essa realidade fictícia e enganosa, porém, custa a ser descoberta pelo personagem, uma vez que, assim como é dito no filme por Christof, diretor do programa, "a gente se acostuma com a realidade que nos é apresentada". Isso significa que os indivíduos, com o tempo, deixam de questionar o meio em que vivem, as escolhas que tomam e as ações impostas a eles, fazendo com que o aprisionamento intelectual dos cidadãos pela alienação e pela ignorância aconteça, constantemente, na contemporaneidade, assim como foi alegado por Platão há mais de 2300 anos.

Ainda acerca da fala de Christof, a obra cinematográfica evidencia o poder de manipulação e controle da mídia sobre a população, o que faz com que muitos indivíduos tenham seus atos e opiniões moldados pelas redes sociais e por outros veículos de comunicação. Isso é possibilitado, justamente, pelo fato de que várias pessoas simplesmente aceitam tudo o que lhes é apresentado, deixando de expor seus próprios pontos de vista. Essa capacidade de persuasão da mídia é, também, retratada no filme por meio das diversas propagandas feitas no show, principalmente por Meryl, mulher que tinha, no programa, o papel de esposa de Truman. Ela incluía, em suas falas, publicidades de inúmeros produtos, a fim de incentivar a compra por parte dos espectadores do programa. Em vista disso, pode-se observar uma outra relação entre a realidade criada por Andrew Niccol e a sociedade atual, que apresenta, principalmente nas redes sociais, muitos indivíduos (os chamados "influencers") sendo pagos para fazer propagandas de objetos como se eles fossem, genuinamente, parte de suas rotinas, mesclando suas vidas pessoais com a venda de produtos.

Por fim, é importante destacar a maneira como a sociedade, em diversos aspectos, não apresenta uma evolução com o passar do tempo. Tal informação pode ser identificada com uma simples análise do filme em pauta, que, embora tenha sido lançado no ano de 1998, retrata temas que ainda são presentes na contemporaneidade, como o próprio fato de diversos cidadãos aceitarem e acreditarem na maioria dos dados e notícias, sem nem mesmo questionarem a sua existência. Portanto, pode-se afirmar que "O Show de Truman - O Show da Vida" é uma obra excepcional e visionária, além de provocar reflexões preciosas, as quais se aplicam perfeitamente à realidade do século XXI, em que os indivíduos são, regularmente, convidados a continuar dentro de suas próprias cavernas.



Atualmente, a tua mente atua ou mente?

"A tecnologia move o mundo", disse Steve Jobs.

Mas será que o visionário analisou as mídias em sua forma real? A tecnologia move o mundo ou somente nos atrasa? Será que ele identificou que em seu semblante verdadeiro se evidencia que ela simplesmente nos prende, se transformando em um completo obstáculo para o desenvolvimento pessoal dos indivíduos, de modo que nos manipula e nos doutrina para sermos meramente iguais? Será que estamos aceitando ingenuamente a realidade à qual somos apresentados sem questioná-la, mesmo possuindo total capacidade de mudá-la?

Todos os questionamentos levantados previamente estão presentes na obra cinematográfica "O show de Truman - O show da vida", em que o protagonista vive em uma espécie de reality show e tem a sua vida acompanhada mundialmente sem saber. No decorrer da narrativa, Truman, estrelado por Jim Carrey, passa a estranhar seu cotidiano e percebe que a realidade na qual está inserido gira em torno de sua existência. Por conseguinte, ele descobre que, durante os 30 anos de sua vida, foi manipulado por Christof, o idealizador do programa, e, portanto, o confronto, deixando sua vida condicionada para trás e construindo a sua própria realidade.

A trama não se distancia em nada da atual população mundial, que se encontra em um estado de alienação provocado pelas mídias sociais e pela internet, de modo que suas vidas são controladas por tais meios sem eles estarem de acordo, assim como ocorre com o protagonista, que tem suas ações e realizações manipuladas e previstas pela mídia. O filme ainda provoca uma reflexão em seus espectadores sobre como os seres humanos aceitam a realidade que lhes é apresentada, sem relutar e contestar, bem como Truman, que inicialmente não percebe que está em um reality show; todavia, com o desenrolar da narrativa, passa a questionar a realidade em que estava inserido.

O filme "O show de Truman" também pode ser associado ao Mito da Caverna, obra do filósofo Platão, que retrata a história de pessoas que passam suas vidas acorrentadas em uma caverna, observando um teatro de sombras, o qual acreditam ser a realidade. Entretanto, um dia uma pessoa resolve questionar a sua condição, e assim descobre que o mundo real está do lado de fora da caverna em que está aprisionada, e, portanto, liberta a si mesma e a seus parceiros. No filme, o protagonista passa por uma situação similar, haja vista que descobre que sua vida é manipulada e roteirizada por Christof, e, após uma longa jornada, consegue deixar a sua "caverna".

Tal pensamento filosófico também se aplica à atual população mundial, já que as pessoas vivem acomodadas em suas "cavernas", como bem diz o idealizador do programa: "a gente se acostuma com a realidade que nos é apresentada".

E você? É protagonista ou diretor do seu Show da Vida?



Nível VI

Despertar

O quão difícil foi, para o homem de Platão, sair de sua caverna?



Realidade paradoxal:
mentira cômoda ou verdade
incômoda?



O Show da Vida Contemporânea





Despertar

O quão difícil foi, para o homem de Platão, sair de sua caverna?

Todos os dias, ela acorda no limite estourado de sair de casa. Se não dormir muito, sobra-lhe tempo para comer, tomar banho e se ajeitar. Depois, ela sai, pega seu meio de transporte, encara o trânsito e realiza sua atividade produtiva, até o sol se pôr. Vai para casa dormir, e assim inicia-se tudo de novo.

A humanidade ajeita-se dessa forma e, nos seus intervalos, aparelhos eletrônicos monopolizam a atenção de todos. Mesmo fora deles, o mesmo ocorre. Existimos no ciclo vicioso de estudar para trabalhar, trabalhar para criar filhos para que eles estudem, para que trabalhem para, no fim, morrerem bem.

E onde está a parte em que levantamos a cabeça e descobrimos que são apenas sombras? A parte em que entendemos nossa apatia causada pela pressa cotidiana, nossa ignorância com o mundo e com os outros seres humanos? Será que perceberemos tanto que o mundo é mais vasto e interessante do que o que estamos acostumados, assim como o que está justo na nossa frente?

A aceitação do dia a dia nos robotiza. Viver no Brasil é ligar a televisão e se deparar com injustiças, é sair nas ruas e visualizar a crueza da miséria humana. E mesmo assim, sendo isso tão diário, tão repetitivo, nos vendamos para nos proteger da sensibilidade; e mesmo que nos importássemos, nos falta tempo para agir.

E é esse o contentamento com o qual não podemos nos contentar. É essa a realidade apresentada que não podemos aceitar tão facilmente. Falta à humanidade um senso de comunidade, um senso de empatia: entender fazer parte do todo, da natureza, do país, da cidade, do mundo. Nossa expectativa de vida aumentou, mas ela mesma também passa mais rápido, estressada, luxuriosa, sedenta e insaciável.

Devemos buscar o abandono de ser passivo, mero espectador. A virada de chave da percepção do mundo, do abrir dos olhos. Seja ele no questionamento de uma desigualdade, de um desrespeito, ou num descontentamento com uma situação considerada comum. No filme *O Show de Truman*, por boa parte da sua existência, o alienado era ele, o protagonista, que não conseguia perceber que sua vida era um programa de televisão. Mas e a alienação dos espectadores, que em momento nenhum pensaram além da perspectiva de que aquele seriado era sádico e imoral?

A verdade é que muitos dos sistemas nos quais existimos protegem nossa ignorância: Truman não conseguia se desprender da sua realidade porque era tudo arquitetado para que ele não descobrisse. Os espectadores não param de assistir porque a estratégia do entretenimento e da distração era mais forte. É necessário deixar de ser refém. Pensar por si próprio e controlar as rédeas de nossas devidas vidas, pensando sempre em melhorar tanto elas quanto a daqueles à nossa volta.

Questionar e discordar da escolha de um tema argumentativo para um concurso escolar, quando alunos de Ensino Médio já são constantemente submetidos à pressão de produzirem um tipo de texto parecido, que definirá seu futuro. Lutar pela presença da criatividade, da arte na vida dos jovens, dos adultos, das crianças e dos mais velhos. Pelo momento dos artistas, dos viajantes, dos sonhadores, e daqueles que pensam "fora da caixa".

O Show de Truman tem um efeito especial, pois nos faz olhar não para a vida do protagonista, mas para a nossa própria. Nos faz entender que foi difícil sim, para o homem de Platão, sair de sua caverna. Mas que nem de longe isso um dia virá a ser impossível.





Realidade paradoxal: mentira cômoda ou verdade incômoda?

Milhares de câmeras, assistentes, figurantes, atores, produtores, diretores, milhões de espectadores espalhados pelo mundo, transmissão ao vivo, 24 horas por dia, 7 dias por semana, 365 dias por ano. Toda uma superestrutura cinematográfica voltada a apenas um holofote: O Show de Truman, um programa de TV que acompanha Truman Burbank, homem exposto, inconscientemente, a uma realidade artificial, porém bastante verossímil, em que a única coisa real é sua própria existência. É essa a perspectiva de "O Show de Truman - O show da vida", de 1998, dirigido por Peter Weir e roteirizado por Andrew Niccol.

O longa-metragem começa no 30º ano do reality show. Truman já está casado com Meryl, tem bons amigos, uma casa no subúrbio da fictícia ilha de Seahaven e um emprego estável numa seguradora, vivendo no típico modo "American Way of Life". Entretanto, como toda construção narrativa elaborada, há algo que surge como empecilho à manutenção do status quo vigente. Nesse caso, o protagonista desenvolve uma angústia por não ter certeza sobre a veracidade da sua realidade. Essa dúvida é fruto de uma série de eventos estranhos os quais Truman vivencia, sendo a incerteza dele o ponto de início para um caminho contestador e crítico em busca da verdade. Assim, tendo em vista essa conjuntura, surge, quase que de forma inevitável, o seguinte questionamento: "a gente se acostuma com o panorama que nos é mostrado?"

Tudo levar a crer que sim. Somos manipulados a todo tempo por diversas instituições, como a mídia, a família, a igreja e o governo. Porém essa dominação é gradativa e silenciosa, de forma que quando a notamos, não damos as devidas proporções à problemática, banalizando-a.

No drama cômico, Truman é constantemente manipulado pela produção do programa. É por meio de anúncios publicitários, comentários em rádios e canais de televisão, conselhos de amigos e familiares que Truman vai construindo sua identidade como sujeito de um meio. Em outras palavras, seus comportamentos, sentimentos e ambições são moldados pelo ambiente em que vive, sendo este artificial. Nessa lógica, Christof, o diretor do show faz com que, ao longo dos anos, o protagonista vá se encaixando em determinados papéis, favoráveis ao desenvolvimento do programa e à adesão do público.

Em uma das cenas, Truman deseja sair da ilha de Seahaven e explorar o mundo e, visando reprimir esse desejo, a equipe do reality produz uma série de campanhas publicitárias que evidenciam supostos perigos das viagens aéreas, como terrorismo, exposição a doenças e presença de gangues criminosas, induzindo o protagonista a ter medo.

Do mesmo modo, nós também somos coagidos a exercer certos papéis, pensando e agindo de determinada maneira. Essa coerção é fruto da conjuntura social que vivenciamos. Nos dias de hoje, por exemplo, é natural defender o direito de liberdade das mulheres, porém, no século XV, pensar na emancipação feminina e concordar com ela era uma raridade e poderia ser visto até como um ato herético. Sob tal ótica, o sociólogo alemão Karl Marx postula que a essência do homem é não ter essência, sua natureza é determinada por sua própria construção: a história, cabendo ressaltar que as condições desta não são livremente criadas, mas sim previamente estabelecidas. Seguindo essa lógica, não há como fugir integralmente das circunstâncias conjunturais que nos são impostas, pois somos constituídos por elas. Todavia, podemos conhecer os mecanismos coercitivos e seus agentes, visando obter alguma autonomia sobre nós mesmos.

Investigando, então, os dispositivos de manipulação, podemos notar que, na modernidade, os veículos midiáticos nos influenciam, de maneira intensa, como também ocorre na obra de Peter Weir. Materializando esse conceito, observamos que redes sociais, como Instagram e Facebook, têm usado dados analíticos sobre as preferências, desejos e comportamentos de cada usuário de suas plataformas, por intermédio dos chamados algoritmos. Elas visam otimizar a entrega dos anúncios e conteúdos, tornando-os cada vez mais específicos e certos. Nessa perspectiva, nos tornamos objetos capitalizados, alvos de disputas entre empresas, que, controlando nossas atividades online, desejam saciar suas ganâncias financeiras selvagens.

Enquanto isso acontece, nós temos a falsa sensação de escolha e de responsabilidade sobre nossos atos, efeitos do modelo neoliberal dominante. Na verdade, estamos sendo encaminhados a agir conforme as exigências do sistema capitalista. É o que o filósofo francês Michel Foucault chama de "docilização dos corpos", que consiste no exercício do poder disciplinar que torna os corpos manipuláveis, úteis, obedientes e produtivos para aprazer a grande máquina de produção. Isso fica bem evidente no drama quando, durante uma entrevista, o diretor do show de Truman revela que tudo no programa está à venda, desde as roupas e utensílios até as casas. Essa fala aponta em seu âmago a razão de Christof para criar o programa: ganhos econômicos. Desse modo, a dominação dos sujeitos, tanto no filme quanto na realidade tem o lucro como um de seus objetivos.

E se engana quem pensa que o controle humano se limita às dimensões intelectuais. A manipulação também ocorre por meio do monitoramento. Se no filme há cerca de 5 mil câmeras espalhadas por todos os lugares, no mundo real, além das câmeras, há dispositivos eletrônicos, satélites e pessoas que vigiam incessantemente todos nós, preparados para conter qualquer ato que fuja do esperado e ameace o poderio vigente. O pior é que, muitas vezes, negligenciamos o quão invasivo é essa vigilância. Quem lê os termos de política de privacidade de um determinado site quando vai se cadastrar nele? Uma pesquisa britânica revelou que quase 90% dos usuários da internet não os leem. E isso pode ser explicado pelo fato de que eles não são feitos para serem lidos, haja vista sua grande extensão, colocada intencionalmente para ser maçante e cansativo, de modo que boa parte dos usuários desista da leitura.

Para além disso, vemos na longa-metragem a falsificação da realidade, uma vez que a ilha de Seahaven, na verdade, é um grandioso estúdio de TV, sendo a segunda maior construção humana visível do espaço. Essa edificação se configura como um modelo idealizado do mundo, pois apresenta um sincronismo entre seus componentes distinto do ambiente real que é, por natureza, desarmônico. Ainda nesse viés, os telespectadores do show de Truman preferem acompanhar a vida sintética dele a olhar para seus próprios espaços. Podemos, então, relacionar isso com a tentativa humana de criar realidades paralelas ideais, como a virtual e a proporcionada pelo alto nível socioeconômico. Tais composições alienam os indivíduos e os desvia dos problemas reais do mundo.

A partir dessa análise, somos capazes de compreender a ação de uma superestrutura cultural, social, econômica e política voltada à manipulação dos indivíduos e à criação de realidades que não coincidem com a verdade, mas sim favorecem interesses individuais. Esse sistema é o cerne do fato de naturalizarmos tal sujeição e, por conseguinte, não a contestarmos. A grande questão que emerge disso é como enfrentar esse sistema, preservar nossas subjetividades e desenvolver o pensamento crítico. O que difere Truman Burbank das milhares de pessoas inoperantes de nosso tempo?

Nesse prisma complexo, há um paradoxo relevante para a discussão. Ao nos defrontar com duas realidades, uma com o olhar apresentado pelas estruturas dominantes e outra com o nosso olhar, temos uma difícil escolha a ser feita: continuar em uma posição alienante, porém cômoda; ou transgredir, vendo o mundo da forma como ele realmente é (podendo essa forma ser assustadora e indigerível).

Truman se defronta com tal escolha, quando é exposto a uma série de acontecimentos esquisitos, como um holofote que cai do céu, uma mulher que diz que todos estão mentindo, o encontro com o pai que estava supostamente morto e a sincronização de carros, pessoas, e eventos na cidade. Ele poderia ignorar todos esses indícios de anormalidade e seguir com sua vida ideal ou começar uma busca pela verdade dos fatos. Felizmente, ele escolhe esta última.

Frente a esse panorama, é lícito citar a alegoria da caverna, do filósofo grego Platão, pois esta se relaciona intrinsecamente ao filme. O mito consiste em prisioneiros que, desde criança, estão acorrentados atrás de um muro, em uma caverna, de modo que só conseguem ver as sombras projetadas de objetos e pessoas que passam em cima do muro. Até que em um dia, um dos prisioneiros consegue se libertar. Num primeiro momento, a luz de fora da caverna o incomoda, mas depois consegue observar e compreender o mundo exterior. De maneira análoga ao recorte filosófico, percebemos que o processo de conhecer a verdade exige

um meio e uma força motriz interna. Ademais, tal movimento pode ser desconfortável inicialmente. Isso explica o fato de que nós, na maior parte do tempo, naturalizamos narrativas, ficando sob a caverna.

Devemos encontrar a força motriz nas nossas próprias subjetividades. E o meio pelo qual ocorre a libertação deve ser o racional. A vontade de saber verdadeiramente precisa sobrepor-se à comodidade e ao medo do desconhecido, para que paremos de naturalizar e contestemos as realidades que nos são apresentadas.

Truman é o homem que sai da caverna. É a coragem que o leva a descobrir que ele é o astro de um show mundialmente televisionado. É a razão o meio pelo qual ele descobre a verdade, conectando os fatos. É a sede do conhecer que o levou a libertar-se de um sistema que o reprimia e o desumanizava.

Portanto, percebemos que o filme, apesar de ter sido produzido há mais de 20 anos, ainda permanece fidedigno à conjuntura atual. A manipulação, a criação de narrativas, o homem como mercadoria, os veículos midiáticos das massas, e a alienação são aspectos intrínsecos ao plano hodierno. Numa sociedade hierárquica, violenta e autoritária, como postula Marilena Chauí, somos cerceados e submetidos à aceitação e à naturalização de narrativas dominantes. Cabe a nós, seres pensantes e críticos, romper com esse ciclo estrutural.

Que tenhamos, a cada dia, um pouco mais de Truman Burbank para cumprir essa árdua jornada.





O Show da Vida Contemporânea

Apesar de ter sido lançado há quase 25 anos, "O Show de Truman" é um filme que assustadoramente revela como a mídia e o entretenimento que nos cercam são capazes de programar nossas identidades, a fim de imobilizar toda uma massa e modelar o visual e o modus operandi da sociedade.

Tamanha sua verossimilhança com o que vivemos hoje que, apesar de ter sido julgado como irreal ou mesmo "absurdo" para os telespectadores do final do século passado, é possível concebê-lo como um filme profético, responsável por delimitar o quão fundo os meios de comunicação iriam se enraizar na vida cotidiana contemporânea.

Assim como a 1,5 bilhão de pessoas que assistem à rotina de Truman Burbank todos os dias, o cidadão vigente corriqueiramente consome um conteúdo voltado ao cotidiano de dado indivíduo, acreditando veementemente nas ações e nos problemas que lhe são apresentados de modo a se reconhecer nesse cenário. Contudo, tal identificação acaba se dissipando no momento em que o telespectador relembra que, em primeira instância, o que visualiza é uma forma de entretenimento. Até que ponto a realidade que aparece na tela não é orquestrada? A partir de que momento esse conteúdo deixa de ser somente uma experiência coletiva? Dá-se quando os participantes desse reality show ou live param de ser vistos unicamente como produtos de consumo.

A comodidade moderna traz como dificuldade separar o entretenimento da realidade em si. A ambiguidade que existe entre o real e o orquestrado corresponde ao desejo coletivo de viver a realidade de outras pessoas, assim como o mundo artificial que é construído ao redor de Truman durante toda a sua vida. Christof, o criador e diretor do show, no início do longa-metragem, afirma que apesar de todo aquele cenário ser simulado, de todos que ali convivem serem atores que expressam emoções forjadas, o próprio Truman não é falso. Ao descobrir que sua casa, emprego, amigos e até mesmo esposa eram ilusórios, Truman viaja de barco para o horizonte, almejando, enfim, sua liberdade. Os telespectadores do programa se emocionam ao vê-lo sair pela porta da redoma que envolvia Seaheaven; porém, logo trocam de canal em suas respectivas televisões, passando a consumir outro entretenimento.

Ao interromper-se o processo crítico e avaliativo individual de uma população, os meios de comunicação acabam sendo responsáveis por delimitar a mentalidade padrão de cada indivíduo que a consome. A mídia passa a modelar as pessoas na medida em que elas não realizam tentativas de sair desse controle, visto a imobilidade das massas quanto a alcançar uma mudança na atual conjuntura em que vivem. Isso acaba contribuindo para a manutenção da indústria de comunicação e entretenimento enquanto detentora do direito de determinar o certo e o errado entre a população, de forma a não ser indagada, mas sim incentivada. Mesmo o programa apresentando questões éticas duvidosas, o "Show de Truman" continuou sendo exibido e assistido durante todos os 30 anos da vida de Truman Burbank, manifestando uma extrema minoria de oposição à continuidade do programa ao longo dos anos, mantendo Truman restringido de sua liberdade.

"O Show de Truman", no fim, acaba sendo um filme que disserta a respeito da influência da mídia sobre os indivíduos que a consomem, assim como da artificialidade do "real" nos meios de comunicação, tecendo críticas que somente ganham mais contemporaneidade com o surgimento dos primeiros reality shows e com o advento de plataformas de transmissão ao vivo na internet.

"Bom dia! E, se por acaso não nos virmos... bom dia, boa tarde e boa noite!"



Nível VII

A Metáfora da Arquitetura da Realidade



O verdadeiro parasita





A Metáfora da Arquitetura da Realidade

Houve breves instantes de razão em que a humanidade, restringida a determinados indivíduos, se desdobrou em indagar-se e em discutir, e dentro dessas atitudes, os temas permearam os mais diversos níveis e âmbitos do tecido da vida humana e da história, em suas diferentes facetas. Em uma espécie de aliança, ao mesmo tempo conflituosa em determinados cenários e sinérgica em outros pontos, todas as perspectivas e iluminações, de algum modo, contribuíram, guiaram ou serviram como uma "bússola" para os rumos da história e, conseqüentemente, para a construção da realidade hodierna e a supressão dos instintos naturais do homem.

Trata-se de um fato sabido que o modo operante do corpo civilizatório, no que diz respeito a costumes, práticas dos mais diversos cunhos da vida e dos aspectos mais enraizados da cultura até os mais superficiais, igualmente respeita a máxima supracitada. É nessa conjuntura em que as produções culturais emergem, que toda obra, em qualquer modalidade, antes de tudo é concebida dentro de um tempo e espaço, com princípios e valores embasados. Um célebre exemplar dessas elaborações do século XXI é o filme "Parasita", que, em sua narrativa, tece uma formidável crítica à realidade em seu âmbito exploratório e obviamente parasitário.

Em uma perspectiva um tanto quanto metafórica, é possível internalizar a ideia do filme dentro de seu principal cenário, uma casa, em que no modelo econômico, social e psicológico atual, o que vigora é uma relação de interdependência entre os indivíduos, na qual os mais abastados material, financeira e socialmente usufruem de um completo ambiente de conforto e privilégio nos âmbitos supracitados, tanto no sentido da casa quanto nas mais diversas particularidades da vida. Já os menos abastados lutam de maneira ferrenha para a manutenção de uma condição mínima de sobrevivência, sendo esse grupo representado pelo bunker da casa.

Nesse sentido, a máxima lançada nessa obra é um sistema de castas, os mais "ricos" na parte superior e os mais "pobres" na parte inferior. Com tal fato, é construída uma das premissas do modo operante e do funcionamento do corpo civilizatório contemporâneo, em que essa análise pode e deve ser extrapolada para outras áreas, como, por exemplo, as relações pessoais, profissionais, empresariais e internacionais, em que os países, cada um com seus recursos, utilizam-se daquilo que está ao alcance, com o intuito de tentar ao máximo superar os seus concorrentes, em muitos casos sendo necessário apelar para meios desonestos ou de caráter horrendo.

Entretanto, mesmo com essas premissas, o mundo funciona comandado por um "fantasma", que manipula, gere e controla as decisões e os caminhos pelos quais as massas irão seguir. No filme, são apresentados episódios caóticos em que dois grupos lutam para viver sob o teto e o "resguardo" de uma família, que, de tão tenebrosa que é a realidade hodierna de muitos indivíduos, estes preferem padecer sobre a exploração constante de uma dessas famílias, em ordem de garantir uma condição de vida mínima, resultando assim em uma verdadeira luta pela sobrevivência.

Com isso, emerge a questão existencial da obra, na qual a "metáfora da arquitetura da realidade" representa o planejamento desse sistema, em que os exploradores e os explorados, os que vendem e os que compram estão inseridos em um ecossistema baseado na busca por capital. Nesse sentido, realiza-se uma interpretação do contexto da obra cinematográfica, que transpassa sobre uma casa projetada para isso, desde o bunker até os andares superiores, em que todos vivem como parasitas, pois ambas as partes vivem uma relação de dependência interespecífica.

Servindo como uma base central de questionamento, de uma perspectiva singular, cabe indagar quem são os explorados ou os exploradores, quais deles são considerados os reais dependentes, nos aspectos econômicos, sociais e até psicológicos. Quais deles são os que exploram cada grupo, expondo nessa conjunção uma realidade muito mais doentia, cancerígena do que ela realmente aparenta ser.





O verdadeiro parasita

O parasitismo é uma relação em que um organismo se instala em outro a fim de alimentar-se, prejudicando-o, por consequência. Porém, normalmente isso ocorre de uma maneira que garanta a sobrevivência do hospedeiro, já que sua morte afetará também o parasita.

O filme "Parasita", do diretor sul-coreano Bong Joon Ho, interpreta esse conceito por meio da relação entre a família Kim, que se encontra em situação de pobreza, sendo os parasitas; e da família Park, o hospedeiro, que possui uma alta condição de riqueza.

O parasitismo, no filme, é interpretado por meio da família Kim que, gradualmente, se instala na casa dos Park, se aproveitando de qualquer oportunidade que lhes permita afastar os funcionários existentes para que todos os membros da família consigam se tornar empregados. Fazem isso sem se preocuparem com as consequências que provocariam às vidas dos ex-funcionários. Dessa forma fica o questionamento: será que, em um momento de desespero, é válido prejudicar os outros para atingir seu objetivo?

Analisando o ponto de vista dos Kim, suas ações seriam justificáveis, uma vez que estavam necessitando de empregos e os Park já possuíam vários bens materiais, portanto, não seria errado se aproveitar de seus recursos. Em contraposição a isso, a ética kantiana aponta que os fins não justificam os meios, já que, no momento em que se age contrário ao dever social, nesse caso, a enganação e manipulação dos Kim, a ação torna-se imoral.

Por outro lado, é preciso analisar como a atual sociedade funciona, antes de julgar moralmente os acontecimentos do filme. De certo modo, as relações atuais sustentam-se por meio do parasitismo, uma vez que, para consumir diversos produtos, necessita-se de se aproveitar do trabalho dos outros. Dentro de um viés marxista, é possível interpretar o parasitismo contemporâneo como uma luta de classes, em que a classe trabalhista é explorada pelos privilegiados; portanto, os indivíduos sociais estão constantemente se aproveitando uns dos outros.

Retornando ao filme, "Parasita" critica as diferenças sociais entre os Park e os Kim. Um exemplo disso é uma cena em que Park Yeon-kyo, mãe da família privilegiada, comenta que a chuva que havia acontecido na noite anterior foi uma benção, enquanto os Kim e outros moradores de seu bairro sofreram com suas casas inundadas. A partir desse momento, é possível perceber a insatisfação que a família Kim sente pelos Park, e como o abismo social entre os dois grupos estimula o crescimento de um sentimento de inveja.

Visto isso, permite-se interpretar as ações da família Kim como uma crítica às tensões sociais causadas pela desigualdade social, que é mantida pelo modelo socioeconômico capitalista atual, por meio da utilização das classes marginalizadas para a manutenção dos privilégios das classes burguesas.

Em suma, "Parasita" proporciona uma reflexão sobre o atual coletivo social e suas complexidades, em especial sobre como as relações sociais são fortemente ligadas à maneira como o capitalismo é aplicado na contemporaneidade, por meio das extremidades presentes no acesso à uma vida digna, que, mesmo sendo garantida pelos direitos de todo cidadão, não se reflete na realidade de uma extensa parcela da população mundial. Portanto, revela-se que, enquanto permanente, o modelo capitalista manterá a marginalização social e, consequentemente, o parasitismo.



Diretor
Mario Broetto

Edição/Diagramação/Impressão
Setor de Eventos e Edição & Gráfica Da Vinci
Revisão Luciana de Andrade Padilha



**CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI**

www.davincivix.com.br | [✉ recepcao@davincivix.com.br](mailto:recepcao@davincivix.com.br) | [f /davincivix](https://www.facebook.com/davincivix) | [@davincivix](https://www.instagram.com/davincivix)

Rua Elias Tommasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia - CEP 29056-070 - Vitória - Espírito Santo - Brasil - Tel.: + 55 (27)3334-6300

בני ישראל
היו עובדים
במצרים
שבעים שנה

בני ישראל
היו עובדים
במצרים
שבעים שנה

בני ישראל
היו עובדים
במצרים
שבעים שנה

בני ישראל
היו עובדים
במצרים
שבעים שנה





CENTRO EDUCACIONAL
LEONARDO DA VINCI

www.davincivix.com.br | recepcao@davincivix.com.br | [f/davincivix](https://www.facebook.com/davincivix) | [@davincivix](https://www.instagram.com/davincivix)

Rua Elias Tommasi Sobrinho, 154 - Santa Lúcia - CEP 29056-070 - Vitória - Espírito Santo - Brasil - Tel.: + 55 (27)3334-6300